

ENTREVISTA COM PASCAL SÉVÉRAC

ENTRETIEN AVEC PASCAL SÉVÉRAC

Pascal Sévérac ¹

<https://orcid.org/0000-0001-8808-4111>

Suzana Lopes de Albuquerque²

<https://orcid.org/0000-0002-2001-5942>

Resumo

Composta por seis questões, esta entrevista estabelece relações entre a Filosofia *Panecástica*, criada pelo francês Joseph Jacotot (1770-1840) e sua potência diante das pesquisas atuais na área da Filosofia e História da Educação, principalmente no que tange à área de ensino da leitura e da escrita. O contato com as obras de Pascal Sévérac decorreu de uma seleção de textos na língua francesa que abordam a filosofia de Jacotot, que foi minuciosamente estudada por Jacques Rancière na obra “O mestre Ignorante”. Pascal Sévérac (2011) expõe as consequências da pedagogia da explicação, marcada pela passividade e submissão da inteligência do aluno à lógica curricular racionalizada do professor, do método e do programa.

Résumé

Composé de six questions, cet entretien montre la pertinence de la philosophie *panécastique*, élaborée par le pédagogue français Joseph Jacotot (1770-1840), en regard des recherches actuelles dans le domaine de la philosophie et de l’histoire de l’éducation, en particulier en ce qui concerne l’enseignement de la lecture et de l’écriture. Le contact avec l’œuvre de Pascal Sévérac résulte d’une sélection de textes en français abordant la philosophie de Jacotot, qui a été étudiée en profondeur par Jacques Rancière dans l’ouvrage *Le Maître ignorant*. Pascal Sévérac (2011) expose les conséquences de la pédagogie de l’explication, marquée par la passivité et la soumission de l’intelligence de l’élève à la logique curriculaire rationalisée de l’enseignant, de la méthode et du programme.

Palavras-chave: Philosophie *Panécastique*. Le Maître ignorant. L’histoire de l’éducation.

¹ Pascal Sévérac é professor de Filosofia na Universidade Paris Nanterre, Membro do Instituto de Pesquisas Filosóficas (IRePh, UR 373), Membro associado do IHRIM (Instituto de História das Representações e das Ideias na Modernidade – UMR 5317). Paris, França.

² Suzana Lopes de Albuquerque é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Goiânia, Goiás, Brasil.

INTRODUÇÃO

A filosofia Panecástica criada por Joseph Jacotot (1770-1840) propôs uma viragem/guinada ou reviravolta na relação professor-aluno ao defender a função social de um mestre que, a despeito de ser o detentor do conhecimento, vislumbrava a igualdade de oportunidades e a emancipação intelectual como fundamentos no processo educativo, “substituindo os princípios do autoritarismo e pedantismo pelos direitos da razão humana” (A SCIENTIA, 1847, v.1, n.5).

Dentre permanências e rupturas, faz-se necessário compreender o contexto e tempo de produção dessa proposta, para demarcar uma potência filosófica e pedagógica que atravessou séculos e que apresenta uma questão, ainda, desafiadora na atualidade.

Esta entrevista insere-se nas atividades previstas no projeto de pesquisa “História da alfabetização no Brasil: do panóptico à Panecástica”, cadastrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e que visa realizar um levantamento e estudos de textos da literatura francesa que apresentam a filosofia de Joseph Jacotot. A partir do estudo do artigo “La position du maître: enseigner, abrutir, émanciper”, publicado em 2011 por Pascal Sévérac, que apresenta reflexões sobre a experiência pedagógica de Jacotot, foi iniciado um diálogo com o autor que culminou na elaboração desta entrevista.

A partir deste processo dialógico de construção desta entrevista, realizada de forma virtual no dia 24 de fevereiro de 2024, tivemos contato com outros trabalhos como “Lire et écrire”, que aborda em perspectivas antropológicas, cognitivas, históricas e sociológicas a leitura e a escrita, identificando a especificidade de nossa civilização da escrita na era digital, com domínio das imagens, da internet e de meios de comunicação de massa.

Pascal Sévérac debruçou sobre Spinoza, chegando ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), de Vygotsky, para fundamentar a imersão teórica nas práticas experimentais desafiadoras como a de Rebond, que será objeto da entrevista a seguir. O seu interesse na obra de Rancière-Jacotot partiu de uma experiência educacional em um sistema de reeducação estudantil, de trabalho com os alunos chamados de desistentes e que teve uma duração de mais de um ano. O caráter inovador do programa residia na ministração de disciplinas como Linguagem, Francês, Matemática, História, Geografia, dentre outras, por dois professores, sendo somente um especialista na área. Esta experiência o aproximou da Filosofia Panecástica de Joseph Jacotot, passando a realizar articulações com categorias com ZDP e mediação em Vygotsky.

A presente entrevista busca engendrar a potência desta filosofia com as discussões históricas na área da alfabetização no Brasil, uma vez que foram localizadas fontes históricas que circularam no império brasileiro que registraram uma defesa pelo Ensino Universal de Jacotot em solo brasileiro.

Jean Joseph Jacotot (1770-1840) nasceu em Dijon, na França, e foi considerado um revolucionário questionador dos resultados da Revolução Francesa e instituições de sua época como movimentos que não trouxeram meios para atingir a liberdade e a emancipação do homem, inclusive no campo intelectual. Exilado de seu país, com o cessar da Revolução de 1830, o mestre regressou à França na tentativa de propagar seu método de ensino, buscando a emancipação intelectual dos envolvidos na instrução. Esse contexto é caracterizado por Rancière (2015) com a

conciliação da ordem e progresso, a partir da instituição pedagógica que viu triunfar o “velho” sob o silenciamento das febres igualitárias e das desordens revolucionárias e de vozes como de Jacotot.

O princípio pedagógico do Ensino Universal criado por Jacotot referia-se a aprender algo e relacionar a esse saber todo o resto, partindo do princípio da igualdade das inteligências.

Se você cair na mão de um aluno da escola de direito de Paris, e se este aluno da escola de direito de Paris pede para você dar o nosso método, aplicado ao estudo da lei, comece com estes termos: Jovem! É necessário aprender algo e relacionar todo o resto, deste princípio: todos os homens têm uma inteligência igual (JACOTOT, 1852, p.52).

Jacotot lançou inúmeras críticas aos mestres explicadores e métodos embrutecedores de sua época. Ao distinguir uma pedagogia da explicação com a pedagogia da emancipação, posicionou-se ao lado do mestre ignorante que visava suscitar dúvidas no aluno, inserindo-o no círculo da potência, ao invés de fazê-lo trilhar um caminho gradativamente elaborado para a transmissão de dose a dose do saber já construído e conhecido pelo mestre iluminado.

Na contramão desses métodos intitulados por ele como embrutecedores, Jacotot defendia, pela via da emancipação intelectual, a proposta da igualdade efetiva nas condições de acesso, permanência e desenvolvimento das inteligências. A crítica silenciada de Jacotot dirigia-se aos métodos que circularam e que atendiam à proposta da escola moderna, caracterizada em suas funções disciplinadora, modeladora, normatizadora e “reguladora da cultura letrada” (BOTO, 2012, p. 50).

De certa forma, esta crítica também se dirigia aos reformadores progressivistas, composta por “homens do progresso” que buscavam uma pedagogia inovadora, com métodos mais prazerosos, ágeis e eficazes, sem perceber que tais métodos conduziram ao embrutecimento do homem por meio de um modelo social desigual.

O embrutecedor, como descreve Rancière, pode, portanto, muitas vezes vestir-se com as roupas dos homens do progresso, porque o embrutecimento consiste, fundamentalmente, nesta aceitação a priori da desigualdade das inteligências, mesmo que seja combatida pelo “ideal” – mantido por muitos movimentos de pedagogias ativas e inovadoras – de alcançar uma equalização de inteligências (SÉVÉRAC, 2011, p. 104).

A despeito destas pedagogias, Pascal Sévérac (2011), expõe as consequências da pedagogia da explicação, marcada pela passividade e submissão da inteligência do aluno à lógica curricular racionalizada do professor, do método e do programa.

Rancière distingue a pedagogia da explicação da pedagogia da emancipação: transmitir o próprio conhecimento ao aluno explicando-lhe o que deve compreender é embrutecer o aluno; “o pequeno explica”, como diz Rancière, a investir “a sua inteligência, à subordinação de um ao outro, é o que Rancière chama de “estupidez” – aquilo que a escola tradicional difunde – a velha escola (SÉVÉRAC, 2011, p. 103).

Na obra de Rancière há uma crítica de Jacotot às discussões no campo da didática que se limitam à forma metodológica do “como ensinar” e esvaziam-se de discurso e condições materiais

políticas que não problematizam o princípio de desigualdade da condição dos homens, levando-os a um “embrutecimento”.

O Velho não embrutece seus alunos ao fazê-los soletrar, mas ao dizer-lhes que não podem soletrar sozinhos; portanto, ele não os emanciparia, ao fazê-los ler palavras inteiras, porque teria todo o cuidado em dizer-lhe que sua jovem inteligência não pode dispensar as explicações que ele retira do seu velho cérebro. Não é, pois, o procedimento, a marcha, a maneira que emancipa ou embrutece, é no princípio (RANCIÈRE, 2015, p. 50).

Na contramão dessas práticas esvaziadas, Jacotot criticava o viés da pedagogia estruturada essencialmente no campo da didática através de questões como: “A criança está compreendendo? Ela não compreende? Encontrarei maneiras novas de explicar-lhe, mais rigorosas em seu princípio, mais atrativas em suas formas; e verificarei que ele compreendeu” (RANCIÈRE, 2015, p. 24), mas que não problematizam a condição de desigualdade fundante dessa escola moderna.

Albuquerque (2023) registrou a circulação da Filosofia Panecástica de Joseph Jacotot no império brasileiro em diferentes fontes, como no periódico *A Sciencia*³ que registrou a criação do Instituto Panecástico do Brasil, fundado sob a base do pensamento de Jacotot e que não se limitava à discussão teórica acerca da instrução, mas também nos campos da medicina, física, química, dentre outras áreas da ciência moderna. Conforme notícia circulada em 1847, no Instituto foi aberto um fundo para a criação de escolas para aplicação do Ensino Universal de Jacotot.

Sob proposta do Sr. Dr. B. Mure, foi fundado o Instituto Panecástico do Brasil, cujos estatutos são os seguintes: O Instituto tem por fim propagar os princípios da emancipação intelectual do imortal Jacotot, e substituir à autoridade e ao pedantismo os direitos da razão humana. O Instituto procurará reunir um fundo para a criação de um colégio normal. As salas de asilo. Escolas primárias. O ensino superior (A SCIENCIA, 1847, v.1, n.5).

O primeiro contato com o pensamento de Pascal Sévérac decorreu da leitura do artigo “La position du maître: enseigner, abrutir, émanciper”, publicado em 2011, que apresenta estas reflexões sobre a experiência pedagógica de Jacotot. Pouco a pouco, tivemos contato com outros trabalhos como “Lire et écrire”, que aborda em perspectivas antropológicas, cognitivas, históricas e sociológicas a leitura e a escrita, identificando a especificidade de nossa civilização da escrita na era digital, com domínio das imagens, da internet e de meios de comunicação de massa. Para suas análises, Sévérac debruçou-se sobre Spinoza, chegando ao conceito de Zona de Desenvolvimento

³ O periódico *A Sciencia* circulou durante os anos de 1847 e 1848, com o intuito de divulgar a homeopatia à elite intelectual do Rio de Janeiro, capital do Império. *A Sciencia* tinha por objetivo apresentar e defender a homeopatia perante a elite brasileira, pois, de acordo com os autores, esta moderna forma de medicação resumia toda a inovação científica. Embasada na ciência, na razão e na religião, foi impressa em julho de 1847 a primeira edição do periódico, tornando-se claramente perceptível a compreensão idealizada e fabulosa que os médicos homeopatas brasileiros tinham de si, como pesquisadores desbravadores da “verdadeira” ciência médica. Em sua primeira edição, impressa em julho de 1847, o título na capa do periódico era *A Sciencia*, seguido pelo subtítulo “Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos”, contudo, nas 24 edições impressas posteriormente, os autores utilizam como nome para a revista apenas *Sciencia* (ALBUQUERQUE, 2023, p.211).

Proximal (ZDP), de Vygotsky, para fundamentar imersão teórica nas práticas experimentais desafiadoras como a de Rouand, que será objeto da entrevista a seguir.

ENTRETIEN

Suzana Albuquerque: Como surgiu seu interesse em pesquisar essa temática em sua carreira? Você pode nos contar sobre as suas áreas de pesquisa?

Pascal Sévérac: Obrigado por esta pergunta. Então, minha área de especialidade inicialmente era a Filosofia de Spinoza e eu fiz minha tese sobre a questão da transição da passividade para a atividade, sendo isso chamado de tornar-se ativo e a questão de saber como pode se conquistar a liberdade dentro de uma filosofia determinista. Como a liberdade não é o ponto de partida, não há livre arbítrio na filosofia de Spinoza; a emancipação só é conquistada em poder comum com os outros. Essa é uma temática em que me interessei muito e também na questão da educação, que já estava ancorada em Spinoza, sobre quando nos perguntamos a respeito da questão de tornar-se ativo; e insiste na tese tanto na questão da atividade quanto no dever. E assim, pouco a pouco, perguntei-me como se pode pensar num futuro e talvez até numa transformação de si. Dentre essas questões que me interessam, há uma de saber como uma criança se torna ativa nesta fase de transformação e passagem da primeira infância à adolescência e à idade adulta e, portanto, faço a mesma pergunta, mas de uma forma mais fundamentada no desenvolvimento humano e no desenvolvimento infantil, sobre como uma criança se torna ativa. Dentre os caprichos da vida, eu participei de uma estrutura de reescolarização de adolescentes desistentes da escola regular, ou seja, de alunos que não conseguiram acompanhar a escolarização regular; eles não estavam completamente parados, não era abandono ou cessação total de estudos, mas era o fato de fazer o que estudos pinçados e, assim, acabava de nascer uma pequena estrutura que tentava precisamente reeducar as crianças e adolescentes que não conseguiam encontrar o seu lugar em uma estrutura regular de ensino. Essa estrutura alternativa ofertava cursos ofertados por dois professores, sendo somente um deles especialista. Iniciamos nossa experiência pedagógica; tínhamos liberdade para fazer as coisas e foi ali que li Rancière e outros autores em torno de Jacotot. Foi ele quem me abriu para esse pensamento, e então, de fato, aos poucos, eu estava interessado em outros pensadores da educação. Há um pensador que muito me marcou, que eu tenho dificuldade em dizer que é pesquisador educacional, mas, em qualquer caso, é um pensador sobre a relação da infância e escola. Não sei se ele é muito conhecido no Brasil, ele se chama Fernand Deligny e foi um professor especialista no trabalho com crianças chamadas de “não adaptadas” e que não se adaptavam à sociedade e à sua escolarização. Deligny trabalhou com crianças profundamente autistas, mudas, que não aceitavam o outro e que estavam trancadas em si e que ao mesmo tempo poderiam fazer as coisas. Eu posso dizer que Rancière-Jacotot foi uma etapa para avançar em direção aos pensadores que trazem questões sobre a criança e pedagogia. É difícil definir Jacotot como pedagogo ou educador por ter um posicionamento bastante radical, porque não estava de forma alguma dentro das normas da pedagogia da época, mesmo da pedagogia de Freinet, pois ele rompeu muito com os códigos para com a pessoa que era excluída; sendo, por exemplo, professor especialista em um asilo onde havia crianças que eram chamadas de idiotas e que eram deixados

para trás. Tratava-se de se liberar de qualquer sanção e tratava-se mesmo de contar histórias e pensarem juntos. Mas fora de qualquer norma acadêmica, ele não é de forma alguma um pensador que daria uma pedagogia para realizar, para imitar; ele não funda uma metodologia e escola, ele é, antes de tudo um intelectual que nos permite mudar; ele é inaplicável de certa forma, e que é muito interessante, no entanto. Este é o meu percurso; digamos que comecei a partir de Spinoza, cheguei em Deligny, passando por Rancière.

Suzana Albuquerque: A partir de suas pesquisas no campo da filosofia da educação, como surgiu seu contato com a Filosofia Panecástica e quais contribuições marcaram sua trajetória pedagógica?

Pascal Sévérac: Bem, digo que certamente sobre o pensamento de Jacotot e seu Ensino Universal, a etapa que me marcou foi a leitura, como propôs Rancière, de uma igualdade de inteligências e ao mesmo tempo do lugar para o método da vontade que é o método da aprendizagem. Em sua proposta, existe um lugar para o mestre da vontade que verifica se os alunos estão atentos para que estejam sempre envolvidos no processo de ensino aprendizagem; mas este mestre não é alguém que está no topo do conhecimento e que os entrega aos alunos de cima para baixo. Essa ideia é muito bela e talvez discutível; não aprofundarei muito sobre a igualdade de inteligências mas eu trago o princípio que rompe com a ideia de somente transmitir conhecimentos aos alunos, desconsiderando outras posturas como solicitar, por exemplo, que eles contem o que pensam ou tentem adivinhar as coisas por meio de relações. Digamos que na universidade, embora às vezes eu até acho que eu estou mais ao lado do mestre da “velha escola” que do lado crítico, como propõe Rancière, há sempre comigo essa ideia de, no ato de ensinar, não transmitir o conhecimento a partir de uma posição de controle mas, buscar maneiras de escutar e de tornar os alunos ativos, para que deles retornem alguma questão e para que não fiquem totalmente passivos. Mesmo não sugerindo coisas, em relação ao ideal de Jacotot, acredito que tenha sido criador de circunstâncias para que os alunos pudessem ser ativos, fazer coisas, em um espaço de criação na escola. Digamos que além de possibilitar às crianças darem passos, digamos que à mim também, sua leitura me faz pensar um pouco contra meus hábitos que não considero justo no meu caminho institucional, padronizado e normalizado, enquanto professor. Então, se não conseguimos institucionalizar na universidade uma experiência que rompe com as normas de ensino, podemos fazer passos laterais. Antes de entrar em Nanterre, eu era professor em Crèteil, e eu ensinava no Instituto de Formação de futuros professores em torno de um ensino que chamamos na França de valores da República, havendo então um catecismo republicano em torno da pedagogia ativa e de suas novas pedagogias, sendo estes estudos, algo que me interessou, mesmo com suas lacunas e falhas. Destas novas pedagogias ativas, há uma exigência, portanto, de atender ao requisito de ensinar conhecimentos gradativamente, para que, por exemplo, os alunos aprendam ortografia, depois cálculo, etc, em um método tão explícito quanto seja possível, exigindo, ao mesmo tempo, um ensino ativo. Daí eu questiono sobre como se tornar crianças mais ativas, como em Spinoza, e como saber se realmente estão interessadas no saber. Essas são questões que não me tornam um modelo, me fazem, mesmo dentro de um sistema tradicional, tentar outra via. Junto às leituras de Jacotot, sobretudo em Rancière, trabalho com o psicólogo russo, Lev Semenovich Vyotsky, que é psicólogo do desenvolvimento infantil que pensou sobre a potência da infância e como podemos desenvolvê-

las, não intervindo deliberadamente sobre elas, mas, permitindo que elas façam as coisas. Estas são as direções que me interessam.

Suzana Albuquerque: Eu pesquisei sobre a história do ensino inicial da leitura e da escrita no Brasil e conheci a Filosofia Panecástica de Jacotot em muitas fontes históricas que têm apresentado muitos admiradores e opositores no Brasil, no século XIX. Seu interesse pela obra de Jacotot e Rancière foi citado durante seu trabalho em um sistema de reescolarização dos chamados alunos evadidos e apresentado na obra " La position du maître: enseigner, abrutir, émanciper". Você pode nos contar sobre sua experiência?

Pascal Sévérac: Sim. Então, eu já mencionei sobre esta experiência de trabalhar em um sistema de reeducação de alunos chamados de desistentes. Essa estrutura de ensino, que então se chamava Rebond, partia de uma dessas estruturas experimentais de um dispositivo chamado Segunda Chance, onde tentamos dar uma segunda chance às crianças. Foi ali que eu fiz a conexão com o método de Jacotot porque este dispositivo nos faz pensar em uma escola nova, com metodologias ativas e que rompem com o sistema tradicional de educação, verticalizado em um ensino que chega pronto às crianças. Então, tratava-se de uma ruptura com essa verticalização, colocando, um pouco, a criança ou o adolescente no centro do processo de ensino. Isso porque estávamos lidando com pessoas que não suportavam mais os padrões tradicionais de ensino. É certo que há os defensores destas experiências e há os críticos que, por vezes, não são muito conservadores e que estão alertando sobre o cuidado para não esquecer dos saberes, conteúdos, habilidades e competências cognitivas a serem desenvolvidas. As críticas são direcionadas, de certa maneira, ao construtivismo, ou seja, à ideia de que a criança ou adolescente irá sozinha reconstruir seus conhecimentos. Mas, há sempre uma dialética no ato de oferecer uma base e possibilitar que a criança ou adolescente construa algo a partir de uma troca permanente com o professor, porque eles também apresentam saberes. No pensamento de Vygotsky, há uma ideia de que a criança se desenvolve a partir de uma Zona de Desenvolvimento Proximal que é o que ela não consegue aprender sozinha e que, com a ajuda de outra pessoa para pensar, possibilita à ela ir além de si mesma, dando um passo à frente. Nesta ZDP, existe uma área que precisa ser ativada, onde ocorrerá o ensino e que, portanto, por meio de mediações como respostas às perguntas que serão feitas, um aluno se apoderará do que foi dito e relacionará aos saberes que já possuía de tal maneira, que assimilará aquilo que ignorava; incorporará aquela descoberta aos seus saberes e será capaz de articular novos exemplos. O professor prepara uma aula mas o que acontece durante ela vai além do que se mensurou; é necessário atingir a Zona de Desenvolvimento Proximal tanto do aluno quanto a ZDP de ensino do professor, à qual devemos tentar ativar justamente no momento em que a aula está acontecendo e, portanto, é isso que eu estive atento, ou seja, sempre pensando que o aluno precisaria do básico e parte dele para suas construções. Bem, fica um pouquinho aí do construtivismo mas, na verdade, é um paradoxo construtivista. Nem tudo é construído mas, há um dinamismo no estudante e também no professor. É verdade que às vezes saímos de um curso dizendo: “-Ah, bem, foi pior do que eu planejei”, ou “-Poderia ter feito o contrário”, mas, no entanto, a experiência foi muito melhor do que imaginamos porque até me permitiu entender coisas que eu não tinha entendido muito bem, e que, ao ser explicado de outra forma ou pelo menos

devido à intervenção dos adolescentes, fui levado a me mover e talvez entender melhor coisas que eu pensei que tivesse entendido. Então, é bom quando um curso também faz bem para o professor e faz as pessoas se movimentarem. É certo que críticas virão, como vemos à Jacotot, por exemplo, que ensinou o francês aos alunos que sabiam a língua flamingo e, por isso ouvimos: “- Jacotot ensinou francês aos alunos que já tinham um nível muito alto; não poderíamos fazer isso com os pequenos, por exemplo”, mas, foi ensinado algo completamente desconhecido dos alunos em uma língua que ele não sabia e, foi possível devido à necessidade de os próprios alunos fazerem as relações. Outra crítica lançada à Jacotot é que com a elite funcionaria, mas que seria muito difícil com as crianças com dificuldades básicas. É necessário possibilitar aos estudantes serem mais ativos para garantir que o professor também se torne mais ativo. Em última análise, entendo que este dinamismo vivenciado gera críticas, às quais poderia pegar algumas delas para mim, mas, eu também não vou desistir completamente de Jacotot, mesmo que, às vezes certas afirmações parecem difíceis de manter e, por isso, estabelecer outras relações para poder elaborar seu próprio ensino, quero dizer.

Suzana Albuquerque: Como pesquisadora no campo da história da educação e do ensino inicial de leitura e escrita, me deparei com seu livro "Lire et écrire" e gostaria que você falasse sobre ele.

Pascal Sévérac: Sim, então, essa foi um pouco, uma obra das circunstâncias, mas a ideia deste trabalho foi dizer que ler e escrever são duas atividades que têm profundidades históricas, sendo esta obra uma apresentação da especificidade histórica da nossa atual civilização da escrita na era da dominação das imagens e de pequenas mensagens da internet, de Tweet, de Tik Tok e dos meios de comunicação de massa. Contrariamente aos preconceitos generalizados e ao pessimismo de falas que indicam não haver mais prática de leitura e escrita avançada, pois foram substituídas pelas práticas de leituras livres como as realizadas em nosso celular e que tornam o livro um objeto para intelectuais, e não um objeto popular, demonstra que a competição de novos usos contemporâneos, longe de conduzir ao declínio da escrita e da leitura, conduz antes, às práticas a uma evolução e diversificação cada vez maiores. Os números mostram que estamos desenvolvendo outras práticas de leitura, que não sejam as tradicionais; que continuam sendo vendidos livros e que a escolarização continua ascendendo, sendo que cada vez mais famílias estão adquirindo livros em suas casas. Considerando que há talvez 50 anos havia muitas famílias que não tinham um único livro, a ideia é não desesperar com este tempo em que jovens escrevem rapidamente e textos curtos, pois são novas práticas, que não são as tradicionais, dentro de um movimento histórico, e, como cada época traz sua estupidez, as práticas de leitura e de escrita estão sendo renovadas. Por isso, nesta obra sobre a história da leitura e da escrita, busca-se não se desesperar com o presente, mesmo que às vezes, em si, sejam apresentados exemplos como problemas ortográficos na escrita dos estudantes na França, que escrevem atualmente de maneira diferente, mais breve, diferentemente das práticas nas instituições acadêmicas. Tal prática não significa que eles não sabem bem a ortografia; isso só significa que temos que fazer algum trabalho e que o faremos; isso não se torna o princípio e o fim do desenvolvimento do pensamento, antes, um pequeno trabalho de intervenção que será realizado.

Suzana Albuquerque: Com base em seus estudos e abordagens sobre a Filosofia Panecástica, quais abordagens são necessárias para compreender o ataque à Ciência e à Filosofia pelas forças do obscurantismo e negacionismo na atualidade?

Pascal Sévérac: Não tenho muitas ilusões e sei que sempre haverá ideologias a serem combatidas. As forças do obscurantismo estão mais fortes que antes, pela chamada ideologia neoliberal capitalista ou ideologia do fim da verdade, mas acredito que não seja caso para se desesperar porque mesmo havendo na política forças que determinam economicamente, é necessário trabalhar dentro disso, tensionando sobre o que podemos fazer, sobre quais forças são/ estão dominando este obscurantismo, essa escravização e submissão humana em muitas áreas; assim conhecer sobre o inimigo e a maneira como ele o ataca. Mas essa é uma ideia que penso com Spinoza com quem conseguimos fazer pequenas reversões da ideologia, pensar em pequenas marchas de liberdade e colocar em prática às vezes de uma forma muito local e temporária o que podemos fazer juntos, enquanto comunidade e também coisas que podemos fazer sozinhos, no caminho desta resistência necessária. Então, nesta postura de resistência, o caminho que muito me interessa é, acima de tudo, o caminho da possibilidade para ver o que é possível localmente para podermos respirar um pouco e fazermos pequenas coisas e assim por diante. Me interessa os espaços da possibilidade mesmo neste obscurantismo; espaços coletivos para pensarmos em grupo, caminhos para a resistência. Isso seria uma lição de Spinoza; é que nós podemos pensar por nós mesmos, e que pela força do comum, do grupo, aos poucos podemos pensar por nós mesmos.

Suzana Albuquerque: Professor, muito obrigada por esta entrevista e pelo tempo que passou conosco.

Pascal Sévérac: Eu que agradeço a gentileza no interesse em meus artigos feitos e por ter me dado este pequeno espaço de fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da alfabetização alcançou relevância histórica no discurso político e nas representações da intelectualidade brasileira no decorrer de todo o século XIX, como apresentam as fontes históricas, ressoando nos dias atuais. Pensar história da leitura e da escrita somente sob o prisma pedagógico, é desconsiderar o contexto político, cultural e epistemológico imbuído no ato de ler.

Para além de marchas distintas de um método (sintético ou analítico) ou modos de ensino (individual, simultâneo ou mútuo), a emancipação intelectual, proposta no Ensino Universal de Joseph Jacotot buscava livrar-se de discursos reguladores que defendiam um controle e vigilância na instrução.

Na lógica de Hamilton (2002), referente à dialética que a história cultural representa pelo diálogo entre o presente e o passado, observa-se que essa restrição do debate da alfabetização à questão metodológica que circulou no império brasileiro, embora aparentemente bem esclarecido nas ideias pedagógicas republicanas, necessita ser problematizada nas práticas de nossas atuais escolas, atenuando a potência da Filosofia Panecástica de Joseph Jacotot.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SCIENCIA. *Revista Synthetica dos Conhecimento Humanos (RJ)*. v.1, n.5, 1847. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=730076&pesq>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. *Métodos de ensino de leitura no Império brasileiro: António Feliciano de Castilho e Joseph Jacotot*. São Paulo: Editora da UNESP, 2023.

BOTO, Carlota. *A escola primária como rito de passagem: ler, escrever, contar e se comportar*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

D.J.A.M. *Exposicion Razonada del Método de Enseñanza Universal de J. Jacotot, y de algunos ejercicios para practicarlo*. Madri: Imprensa de La Publicidade, a cargo de D.M. Rivadeneyra, calle de Jesus del Valle, num.6, 1849.

FAYOLLE, Caroline. « Vers l'« éducation universelle » », *Revue d'histoire du XIXe siècle* [En ligne], 55 | 2017, mis en ligne le 01 décembre 2019, consulté le 04 novembre 2023. URL: <http://journals.openedition.org/rh19/5320> DOI: <https://doi.org/10.4000/rh19.5320>.

HAMILTON, D. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, n.1, p. 45-73, jan.-jun. 2001a.

JACOTOT, Joseph. *Droit et Philosophie Panécastique par J. Jacotot*. Paris: Nouvelle Édition, 1852.

RAISKY, Claude. *Joseph Jacotot: Le pédagogue paradoxal*. Dijon, Editions Raison et Passions, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, 3. ed.

SÉVÉRAC, Pascal. La position du maître: enseigner, abrutir, émanciper. *Rue Descartes*, 2011/1 (n° 71), p.102-108. Éditions Collège International de Philosophie.

SÉVÉRAC, Pascal (Coord.). *Lire et écrire*. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2007.

Recebido em: 30 de novembro de 2024

Aprovado em: 15 de janeiro de 2025